

**NARRATIVAS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS AO ADOECIMENTO
PSICOLÓGICO INFANTIL ATRAVÉS DA PERCEPÇÃO DOS CUIDADORES: UM
ESTUDO REALIZADO NO SERTÃO CENTRAL DO CEARÁ**

Jomábia Cristina Gonçalves dos Santos¹; Farley Janúcio Rebouças Valentim²

¹Discente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.

E-mail: jomabia13@hotmail.com

²Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católica de Quixadá.

E-mail: farleyvalentim@yahoo.com.br

RESUMO

Na atualidade vem se tornando crescente o encaminhamento de crianças com demandas sociais aos serviços de saúde, dentre eles os de saúde mental. Estas são geralmente levadas a esses serviços por seus pais e/ou cuidadores, sendo que muitos chegam relatando aos profissionais, comportamentos que não estariam de acordo com o que é considerado “normal” e buscando possíveis soluções para suas queixas em relação aos filhos. Dito isto, esse trabalho objetivou compreender os significados atribuídos pelos cuidadores ao adoecimento psíquico de seus filhos, explorando ainda, como estes percebem e vivenciam o mesmo, que fatores influenciam nessa percepção, bem como os anseios frente aos tratamentos oferecidos. Para se chegar a essa compreensão foram realizadas cinco entrevistas semi-estruturadas durante o mês de agosto de 2017 com cuidadores que buscaram atendimento para seus filhos no SPA da Unicatólica. Essas entrevistas foram transcritas e a partir disso realizada a Análise de Conteúdo de Bardin em cima do conteúdo coletado. As categorias surgidas foram: “O discurso da escola na busca dos pais pelo atendimento”, “A percepção do comportamento diferente da criança”, “A procura inicial pela figura do médico e a medicalização como solução”, “A esperança de uma vida normal após o tratamento”. Diante dos resultados obtidos, percebeu-se que a percepção dos pais sobre o adoecimento de seus filhos é influenciada por fatores culturais e sociais. Estes conceituam e olham o adoecimento de formas distintas, significando os comportamentos infantis a partir de sua percepção e, através desta, criam expectativas em torno das possibilidades de tratamento.

Palavras-chave: Adoecimento. Infância. Cuidadores.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, tem se tornado crescente o encaminhamento de crianças com demandas sociais aos serviços de saúde, dentre eles os de saúde mental (SANCHES E AMARANTE, 2014). Estas são geralmente levadas a esses serviços por seus pais e/ou cuidadores, onde muitos deles chegam relatando aos profissionais, comportamentos que não estariam de acordo com o que é considerado “normal” e buscando possíveis soluções para suas queixas em relação aos filhos.

Também se discute muito sobre a questão do que seria considerado normal e patológico dentre os comportamentos infantis e de acordo com Winnicott (1979) existem variações dentro do âmbito da normalidade que, muito depende do que se espera, das expectativas dos pais, família e sociedade em torno da criança.

Partindo de uma prática que vem sendo vivenciada dentro Serviço de Psicologia Aplicada da Unicatólica de Quixadá, percebeu-se que a procura pelo atendimento psicológico infantil vem crescendo bastante nos últimos semestres, sendo estas – as crianças – o maior

número de clientes atendidos pelo serviço. Sabe-se também que essa busca se dá pelos responsáveis, que chegam relatando que algo não está bem, e que seus filhos precisam de ajuda.

Dentro do atendimento psicológico infantil, os pais são de grande importância, pois é através de seus relatos que podemos compreender o motivo pela procura do serviço, bem como questões relativas à história de vida da criança e seu desenvolvimento, que são relevantes para a continuidade do atendimento. O que foi percebido durante a prática que vem sendo realizada no SPA, é que algumas vezes os comportamentos se relacionam mais com o desejo dos pais em relação a seus filhos, algo que eles acreditam não estar de acordo com o esperado, e que não está diretamente relacionado a algo da própria criança.

A sociedade e a cultura podem fornecer modelos de comportamentos humanos relativos à saúde e a doença, e o adoecimento ser interpretado pelo paciente, pelo médico e pelas famílias. Partindo disso, podemos refletir que a concepção de adoecimento psíquico de sujeitos que buscam atendimento no Serviço de Psicologia Aplicada da Unicatólica, localizado aqui no Sertão Central do Ceará é influenciada por vivências particulares e culturais e que a forma de conceber o adoecimento psíquico infantil e a tomada de decisão por um tratamento também se relaciona com as percepções dos pais ou responsáveis.

Dito isto, esse trabalho objetiva compreender os significados atribuídos pelos cuidadores ao adoecimento psíquico de seus filhos, explorando ainda como estes percebem e vivenciam o adoecimento psicológico, que fatores influenciam nessa percepção, bem como os anseios frente aos tratamentos oferecidos.

METODOLOGIA

Este trabalho constituiu-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza aplicada e cunho exploratório. Caracterizando-se ainda como uma pesquisa de campo. A coleta de dados foi realizada no Serviço de Psicologia Aplicada da Unicatólica de Quixadá-CE, durante o mês de agosto de 2017, através de entrevistas semi-diretivas, tendo como participantes pais ou cuidadores de crianças que buscaram atendimento psicológico para seus filhos durante esse período e que tiveram suas fichas encaminhadas ao Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica – NEAPSI. A escolha do NEAPSI se deu pelo fato de que dentro da prática realizada através do núcleo, percebeu-se que o fenômeno desta pesquisa tem se mostrado frequentemente. Os critérios de exclusão foram as fichas que não se enquadram nos critérios de inclusão, bem como aqueles que não aceitaram participar da pesquisa.

Foram realizadas 5 entrevistas, e como método de análise de dados, foi utilizado a Análise de Conteúdo de Bardin. As entrevistas gravadas foram transcritas para que se pudesse realizar a análise. Este projeto de pesquisa foi submetido à Plataforma Brasil e enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa e foi aceito com o número de protocolo CAAE 68544717.2.0000.5046. A pesquisa seguirá as normas da Resolução 196/96 que regularmente a pesquisa com seres humanos, e aos participantes foram informados os riscos e benefícios através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O DISCURSO DA ESCOLA NA BUSCA DOS PAIS PELO ATENDIMENTO

Através dos dados analisados, nas entrevistas pôde-se perceber a demarcação do lugar da escola no motivo da procura pelo atendimento. Das cinco cuidadoras entrevistadas, quatro delas ao serem perguntadas por quais motivos procuraram o atendimento, apontaram que o comportamento escolar relatado pelas professoras foi uma das razões de estarem no serviço.

Outros apontamentos surgiam no decorrer de suas narrativas, mas é válido destacar que o início de suas falas se justificava através do que a instituição escolar lhes tinha dito sobre seus filhos.

A participante 1 relata: “*o comportamento dele na escola não é bom, aí a neurologista encaminhou ele para o psicólogo*”. Já participante 2 ao ser perguntada sobre o que a fez buscar o atendimento responde: “*Mulher, todo dia quando eu ia deixar ele na escola, aí sempre quando eu ia buscar a professora me fazia reclamação dele*”.

De acordo com Scortegagna e Levandowski (2004), a maioria das queixas escolares passam a ser entendidas como um problema individual da criança encaminhada, sem se levar em consideração o que se passa na escola e as dificuldades no processo de escolarização, tomando esses problemas numa perspectiva de psicologização.

A PERCEÇÃO DO COMPORTAMENTO “DIFERENTE” DA CRIANÇA

As fichas das crianças as quais foram entrevistados seus cuidadores já haviam passado pelo processo de triagem do serviço, e as queixas anotadas eram as mesmas, dificuldade de aprendizagem e agressividade. Foi interessante notar as distintas formas como os responsáveis tentavam nomear os comportamentos de seus filhos, nenhum deles relatou na entrevista algum tipo de diagnóstico, mas falavam das situações que consideravam diferentes da forma como conseguiam.

Isto condiz com o conceito de adoecimento que Kleinman (1980 apud ALVES E RABELO, 1998) pontuou, o sofrimento trazido pelo paciente, ou cuidador, relatado através das experiências vividas. Exemplo disto temos a narrativa da participante 5, a qual se utiliza do termo regional “reinar” para significar o adoecimento de sua neta.

“A gente nota que ela, tem hora que ela tá muito alterada, se sente muito nervosa, né (...) tem hora que eu noto que ela reina assim, quando ela tá teimando com as pessoas, ela reina e pega”; “num tô te dizendo, que ela brinca, brinca e quando der fé, ela reina, e judia com as crianças” (Participante 5)

As participantes 2, 3, 4 e 5 narram, respectivamente: “*Ele já tinha um comportamento diferente*”; “*É muito difícil você ter um filho especial*”; “*Os meus dois menino é normal, mas eu nunca pensei que eu fosse ter um menino assim dentro de casa*”; “*Todo mundo que vê acha que ela não é assim, a menina normal*”. Pode-se então notar o entendimento sobre comportamentos que não seriam considerados normais na comunidade/sociedade onde vivem.

A PROCURA INICIAL PELA FIGURA DO MÉDICO E A MEDICALIZAÇÃO COMO SOLUÇÃO

Outro ponto necessário a ser trabalhado como fator influente na significação do adoecimento infantil é o modelo biomédico como prioritário na busca pelo atendimento. Das cinco participantes entrevistadas, três foram encaminhadas ao serviço pelo CAPS – Centro de Atenção Psicossocial, uma procurou auxílio inicial com uma médica neurologista, e a outra se dirigiu ao SPA através de encaminhamento feito pelo CRAS, mas também já tinha buscado auxílio médico em outras ocasiões.

A participante 1 ao enumerar os caminhos por ela seguidos durante a busca pelo tratamento, conta: “*É, realmente eu tenho que correr atrás de um médico mesmo (...) Aí eu peguei e fiquei com aquilo na cabeça e disse, nam, vou lá no posto e vou pedir um encaminhamento. Aí me encaminharam pro CAPS, pro psiquiatra, e aí eles me encaminharam*

pra cá dizendo que aqui que acompanhava as crianças”. A entrevistada 4 também relata algo similar: *“eu fui logo pro CAPS com ele, aí ele teve uma consulta dele lá, aí eu vim pra cá”*.

Kleinman (1980 apud ALVES E RABELO, 1998) aponta que as alternativas terapêuticas são escolhidas de acordo com a acessibilidade ao processo terapêutico, bem como na relação de entendimento que os pacientes de determinada cultura tem sobre as doenças, a cura e os tratamentos que são eficazes.

Foucault (2001) salienta que o termo medicalização está relacionado com a medicina e o poder biomédico, que valendo-se do poder de seu discurso científico, toma a sociedade como objeto de higienização, disciplinando os corpos, apropriando e regulando os comportamentos.

A medicalização infantil na atualidade perpassa por diversos âmbitos: a questão do que é considerado normal e o patológico em cada cultura e sociedade, as inúmeras queixas escolares que são influenciadas pelos discursos sociais acerca dos comportamentos infantis, bem como a procura dos pais por profissionais que possam “curar” estes comportamentos de forma imediatista, através do uso de medicamentos, sem, por diversas vezes, considerar o contexto social e cultural em que a criança está inserida (SANCHES E AMARANTE, 2014).

Jerusalinsky (2014), coloca: “há 25 anos atrás era praticamente impensável que os pais solicitassem psicofármacos para os filhos”¹, que para os cuidadores o centro do tratamento estava voltado para as aquisições da criança. Por outro lado, a autora afirma que atualmente a utilização de psicofármacos para a infância passou a ser uma prática corrente.

Temos, então, discursos como o da participante 5, que ao falar sobre o que espera do tratamento de sua neta, diz: *“Se for pra botar no tratamento, ela for tomar o remédio, que ela venha como ainda criança, venha logo tratar e se curar antes de crescer”*, colocando o medicamento no lugar daquilo que vai oferecer a criança uma cura e um futuro normal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pôde-se perceber que os fatores culturais e sociais apontados na discussão influenciam a percepção dos cuidadores sobre o adoecimento de seus filhos. A pertinente lógica biomédica, a questão da medicalização, e a escola influenciando a percepção dos comportamentos infantis são discursos presentes em nossa sociedade. A partir desses discursos, os pais passam a significar de modos distintos este adoecimento e buscar o tratamento que acreditam ser o mais eficaz.

REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo César; RABELO, Miriam Cristina. (Org). **Antropologia da saúde traçando identidade e explorando fronteiras**. Editora Fiocruz/Editora Relume. Rio de Janeiro, 1998.

CARDOSO, Maria Helena Cabral de Almeida; CAMARGO JUNIOR, Kenneth Rochel de; LLERENA JUNIOR, Juan Clinton. **A epistemologia narrativa e o exercício clínico do diagnóstico**. Revista Ciência e Saúde Coletiva, vol. 7, n. 3, 2002.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Editora Graal. Rio de Janeiro, 1996.

FREITAS, Fernando. AMARANTE, Paulo. **Medicalização em psiquiatria**. Editora Fiocruz. Rio de Janeiro, 2015.

¹ A citação direta não está com o número de páginas devido ao fato de ter sido retirada de um texto escrito em um blog organizado pela autora.

GUARIDO, Renata. **A medicalização do sofrimento psíquico: considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na educação.** Revista Educação e Pesquisa, v.33, n.1. São Paulo, 2007.

JERUSALINSK, Julieta. **No mundo da lua – o drama da atenção na infância contemporânea.** O Estado de São Paulo, 06.12.2016. Disponível em:
<http://emails.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/no-mundo-da-lua-o-drama-da-atencao-a-infancia-contemporanea/>

JERUSALINSK, Julieta. **A era da palmatória química – responsabilidade social e medicalização na infância.** O Estado de S. Paulo, 07.08.2014. Disponível em:
<http://emails.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/a-era-da-palmatoria-quimica-responsabilidade-social-e-medicalizacao-da-infancia>

SCORTEGAGNA, Paula. LEWANDOVSY, Daniela Centenaro. **Análise do encaminhamento de crianças com queixa escolar da rede municipal de ensino de Caxias do Sul.** Revista Interações, vol. 18. São Paulo, 2004.